

Sobre uma clínica psicanalítica das relações raciais

Paola Amendoeira¹

RESUMO A partir de uma revisão bibliográfica na literatura psicanalítica, o presente trabalho reafirma a importância dos estudos dos preconceitos em articulação com os conceitos de raça e com o racismo, visando ampliar a experiência clínica. Ao incluir, identificar e reconhecer os impactos e desdobramentos das relações raciais na constituição dos sujeitos, em suas singularidades, com suas dores e angústias, torna-se possível reconhecer sua presença na relação transferencial e contratransferencial. Em uma perspectiva institucional, o estudo desses entrecruzamentos permite maior engajamento na promoção de atitudes e ações que procurem, permanentemente, minorar o sofrimento advindo do racismo experimentado nos incidentes raciais e racistas da vida cotidiana. A situação do Brasil é apresentada como paradigmática pela sua constituição socio-histórica.

PALAVRAS-CHAVE Psicanálise; racismo; relações raciais; preconceitos.

A culpa deve ser do sol que bate na moleira²

É quando somos surpreendidos por uma situação inusitada e tremendamente ruim que, em situações de crise inesperada e traumática, costumamos levantar defesas ligadas a ansiedades muito arcaicas e passamos a contar com uma mente em estado regressivo e precário.

Tentamos evitar o contato com qualquer ideia, sentimento ou memória que acione a cadeia associativa e nos faça lembrar e reviver aquela experiência extremamente ruim.

1. Membro Associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Chair do Sub-Comitê da IPA junto à ONU.

2. Alguns dos subtítulos são versos da música "As caravanas", de Chico Buarque (2017).

É sob este vértice que acredito que poderemos compreender e procurar nos posicionar como psicanalistas, de modo a promover uma escuta sensível à paradigmática constituição do racismo brasileiro.

O Brasil se constituiu e se fundou apoiado em extermínio, anulação de identidades e de culturas.

Existimos a partir do extermínio dos índios e do abuso, da violência e da dominação dos povos africanos escravizados. Existimos a partir do projeto de conquista europeu e do desejo de colonização de alguns, da última oportunidade de vida para outros e dos apaixonados pela terra que aqui chegaram e ficaram. É desta mistura que nascemos Brasil. Ainda assim, nas escolas se continua a ensinar que o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses que trouxeram civilidade àquele modo de vida primitivo.

Chamar o modo de vida dos trópicos de primitivo é a mais pura expressão do espanto promovido pelo contato com aquilo em relação ao que não se tem referência e conhecimento. Um tipo de desamparo que se organiza em torno de uma superioridade que depende e exige a diminuição do outro, a desvalorização de seus atributos e suas características como modo de diminuí-lo e, assim, não se sentir tão ameaçado. Tudo para que se silencie o barulho, a confusão, o trabalho que o contato com a diversidade provoca.

Quando Bion (1997/2016) conjectura a respeito da domesticação dos pensamentos selvagens, vem nos lembrar, pela aproximação imaginativa, que o que a antropologia observa pode ser também pensado como experiência individual na lida com os pensamentos que forçam o desenvolvimento daquele aparelho para pensar esses pensamentos.

O racismo opera e continua operando o genocídio lento e contínuo do povo negro, indígena, judeu, além de uma ampla e complexa existência de minorias raciais e étnicas e é responsável por um modo de expressão da luta de classes que se alimenta da opressão e do impedimento da diversidade. Grada Kilomba (2019) reforça o quanto a negação, no caso do racismo, é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial. Parece ter chegado o momento em que não é mais possível ignorá-lo sem assumir conscientemente a perversidade que alimenta esta recusa.

Durante o trabalho no *Prejudice and Racism IPA's Intercommittee*, pudemos concluir que, se por um lado não podemos dizer que não há literatura e pensamento sobre racismo dentro da psicanálise da IPA atualmente, por outro, podemos afirmar que precisamos de um compromisso maior e de investigações mais substanciais que informem melhor a respeito das sutilezas das dinâmicas

raciais inconscientes. Ainda encontramos resistência para criar espaços onde tais temas possam ser discutidos abertamente e francamente, como deveriam ser (Amendoeira, Ellman, Mine & Posadas, 2021).

Torna-se necessário reafirmar a importância, para o desenvolvimento de uma psicanálise que se pretende inserida no mundo ao qual pertence, dos estudos dos preconceitos e da promoção de atitudes e ações que procurem minorar permanentemente o sofrimento de todos aqueles que estão envolvidos em incidentes raciais e racistas.

Não há barreiras que detenham esses estranhos

As fantasias inconscientes acompanham todo o funcionamento mental, impregnam a experiência de significado profundo, e proporcionam uma continuidade psíquica profunda... cada acontecimento entre o paciente e o analista, seja ele expresso através da ação, brinquedo, palavra ou sonho, seja interno ou externo, é visto como expressão, e também como uma fantasia inconsciente que pertence a uma série psíquica com significado para o indivíduo a partir do nascimento. (O'Shaughnessy, 1982, p. 285)

Ao iniciar sua apresentação, Karim Dajani (2020) faz questão de situar o lugar a partir de onde fala e sinalizar porque para ele isso é importante. É imigrante nos EUA e nasceu em uma região do Líbano onde é grande a presença de refugiados palestinos. Ele considera que os laços constitutivos da sua história e da sua cultura foram mais determinantes, em alguns aspectos, na estrutura de sua mente, do que a ligação entre o corpo e a família que sua análise de formação insistia em não considerar. Ele argumenta que há uma interação dinâmica entre três tipos de vínculos específicos: o elo entre o corpo e a família, o elo entre o corpo e os sistemas culturais que o organizam e contêm e a ligação entre as gerações e o impacto da história em tempo real sobre nós e sobre aqueles que vieram antes de nós. Para Dajani, a cultura e a história estruturam partes do inconsciente.

Desta perspectiva, além da biologia, o inconsciente está, para sempre, estruturado por sistemas culturais e identificações de grandes grupos. A crítica, aqui, recai sobre a resistência de Freud em reconhecer o impacto do trauma social por ele vivido e a sua relação com o esforço que fazia para sustentar a ideia de uma biologização do inconsciente que localizava a fonte de nossos traumas e dificuldades em estruturas biológicas inerentes e comuns a todos os humanos. Não seria esta uma forma de imaginar um mundo onde todos os seres humanos são iguais em algum aspecto? Na opinião de Dajani (2020), o apego de Freud a essa concepção de

igualdade entre os seres humanos que deriva de uma herança biológica comum é a própria defesa que Freud encontrou para se proteger da dor de viver em sociedades e culturas que consideravam ele e sua etnia – seu grupo sociocultural – inferiores.

Desse legado ficou a urgência da reflexão individual, institucional e grupal que permita reconhecer como as desigualdades sociais nos impactam e como podemos contribuir para o seu enfrentamento. É necessário identificar que tipos de mitos culturais, perversamente macabros, estão embutidos em nossas teorias e práticas. A biologização do inconsciente, sendo um bom exemplo, nos mostra o quanto estamos atrasados.

O racismo anti-negro/anti-indígena é mais um dentre uma ampla variedade de preconceitos, mas que se diferencia de seus pares por ter sua presença bem marcada, aplicada e distribuída ao longo de todos os grupos chamados de minoritários. Em qualquer um deles, o negro e o indígena se encontram no fim da linha, em profunda desvantagem já na partida da competição pela ascensão social e para a possibilidade de melhoria de vida.

Entre 1920 e 1940, muito se estudou a respeito das diversas “raças”, mas pouco se atentou para a relação entre elas. E esse é um ponto importante para entendermos a riqueza seminal contida nos estudos de Virgínia Leone Bicudo (1955) que, depois de ter defendido uma dissertação de mestrado para mostrar a forte existência de um preconceito de cor na cultura, realizou um trabalho de pesquisa a pedido da UNESCO, justamente para entender mais profundamente a psicodinâmica envolvida nas atitudes raciais entre os escolares de São Paulo. O relatório é de 1955, mas seu resultado é até hoje atual.

Em texto de 1968, Bicudo estabelece uma relação especial entre o mito, a pulsão de morte e a regressão dentro do processo analítico, sendo o mito referido como elemento constante em todas as análises, salientando que nem sempre é percebido em sua “relação com a violência, a catástrofe e o instinto de morte. O mito, como parte do aparato do pensamento é tanto um instrumento de pesquisa, quanto uma resistência ao progresso na aquisição de novos conhecimentos” (p. 749). E, neste sentido, o mito é recurso possível, o próprio representante da incapacidade para pensar. É uma desistência, em que o investimento no mito desvela um desdobramento específico da pulsão de morte, com o intuito de esvaziar o progresso e o avanço, por serem considerados insuportáveis e, por isso, ser impossível lidar com a intensidade da tensão e da “aflição” que juntar certas ideias, memórias e experiências tem o potencial de despertar.

No caso do racismo estrutural brasileiro, são muitos os mitos que surgem quando o insuportável da realidade da violência presente, vivida e partilhada

por todos, emerge. Sempre que surgem, sinalizam a aproximação a um território extremamente sensível e defendido contra a reaproximação das maiores experiências de desamparo experimentadas.

Elizabeth Young-Bruehl (1998) faz uma crítica às compreensões do preconceito que entendem todo preconceito como sendo um só em sua origem. Para ela, este modo de pensar empobrece a compreensão, por não permitir que os matizes característicos da especificidade de cada preconceito ampliem a compreensão da sua dinâmica inconsciente embutida. Neste sentido, podemos entender cada tipo de preconceito como uma manifestação psicossocial, mas também podemos procurar entendê-lo a partir do efeito sobre as suas vítimas. O psiquismo assume as formas dos preconceitos nos quais está envolvido e desenvolve defesas típicas àquele preconceito. “As formas e histórias dos preconceitos determinam os termos dos protestos” (p. 458)

Para Young-Bruehl (1998), é importante diferenciar as dinâmicas inconscientes envolvidas nas atitudes racistas. Por exemplo, o racismo como um preconceito nos moldes históricos imprime a encenação da rivalidade entre irmãos, na medida em que as atitudes racistas refletem a atitude do filho mais velho em relação aos irmãos mais novos. No jugo das ansiedades levantadas neste caso, os negros devem ser mantidos em seus lugares, de modo a garantir que se mantenham como membros inferiores de um grupo social ao qual não se permite que pertençam. São infantilizados, considerados incapazes e imaturos. Precisam de tutela. Aqui, cada conquista ou tentativa de conquista real do negro é recebida com raiva e medo. Medo de uma destroização que a criança mais velha experimenta em relação ao seu rival mais novo. Este racismo como rivalidade fraterna é diferente daquele vivenciado como um tipo de ódio ao negro que é manifesto por um grupo e promove a violência em massa que ela vai chamar de “racismo paternalista”, típico das “*plantations*” e do contexto colonial, que representam intensa e verdadeira erupção do ódio ao pai.

Esta autora é um divisor de águas na compreensão dos preconceitos e, através do modelo anatômico que apresenta, vai, passo a passo, mostrando a importância da dissecação caso a caso, de modo a permitir compreender a singularidade das ansiedades levantadas e do tipo e uso específico que se faz das defesas em cada experiência de preconceito.

Todo tipo de preconceito é um fenômeno complexo e, embora já esteja provado não ser inato ou instintivo, ainda é possível observar, ao nosso redor, muitas afirmações preconceituosas.

Para Michael Rustin (1991/2000), não é possível compreender de modo adequado a dor intensa e os danos profundos que o racismo causa às suas vítimas a partir de teorias que desconsideram as raízes psíquicas das práticas racistas. Ele reconhece a necessidade de um arcabouço teórico que ajude a entender a irracionalidade total do racismo, a paixão com que alguns se apegam a ele e o pensamento paranoico e psicótico que ele pode gerar. E incluo, aqui, o descompromisso com a realidade do outro para bem poder fazer o uso e o desuso desse outro que precisa ser melhor destrinchado nas dinâmicas raciais internalizadas pelas lentes do estado mental que chamamos de branquitude.

Rasmussen e Salhani (2010) consideram que estamos longe de podermos nos considerar uma sociedade pós-racial. Pelo contrário, o racismo permanece sendo um problema social e psicológico suficientemente tenaz que, em seus momentos de erupção, se torna palpável e patente para todos os envolvidos. No texto, voltam à própria história da teoria psicanalítica para resgatar uma Melanie Klein que tensiona, amplia e desafia Freud sobre o potencial de destrutividade humana ao compreender o papel da agressão, da destruição, do sofrimento, da inveja e do luto como essenciais para a conquista de uma vida madura, criativa e integrada. Tempo das ricas controvérsias entre os corpos teóricos de Freud e Klein.

A partir destas controvérsias, a natureza e os desdobramentos da agressividade humana adentram o espectro transferencial e se transformam em ferramenta para o tratamento. Klein (1935/1991) sustenta categoricamente a necessidade da interpretação da transferência negativa que desata um processo ao oferecer espaço de reconhecimento, acolhimento e compreensão capaz de operar uma transformação ao abrir caminhos para que a culpa inconsciente seja elaborada e favoreça o trabalho para a reparação. Assim se avança. Assim avançamos.

Também é de Klein (1935/1991) a compreensão da mente como possuindo estados que estão em constante mudança, sendo essencialmente instável. De um momento para outro, mudamos completamente a experiência do momento. Em um momento, estamos calmos e tranquilos até que algo nos frustre, nos sacuda e amedronte, e estamos imediatamente confusos, agitados e perseguidos.

(Re)conhecer a existência do trauma

Aqui, a clínica é do testemunho sensível, que oferece hospitalidade e também reconhecimento, consideração e cuidado ao abordar a formação da identidade a partir da experiência de cor, como ferramenta crucial para a inclusão de aspectos

que ficam sem espaço para serem pensados, caso não sejam reconhecidos, considerados e, sobretudo, trabalhados dentro da relação analítica. É preciso ver e saber ver isso na clínica. É preciso ver e querer encontrar e saber onde esses elementos estão vivos dentro da mente do analista e quando são ativados. A partir do exercício do conhecer, vem a possibilidade de saber ver, encontrar, identificar seus sinais, que só a partir de então poderão ser abordados. Quiçá, transformados.

Powell (2020) aponta a potencialidade do trabalho psicanalítico dentro da perspectiva das tensões raciais, aguçando a sensibilidade para o quanto elas estão constantemente informando a complexa trama transferencial e contratransferencial que, sem a devida atenção, se mantém oculta e, por isso, operante e atuante na dupla. Segundo seu ponto de vista, o racismo é um fator, um elemento, que está presente e, ao mesmo tempo, oculto em nossa prática clínica diária. Quais são os desafios e quais as oportunidades que este encontro clínico pode levantar? Para tanto, se faz necessária uma atenção flutuante, que permita a exploração interna dos, como ela chama, pontos cegos, dos próprios preconceitos e dos vértices a partir dos quais observamos uma dada situação, de modo a podermos reconhecer e encontrar, primeiramente, essa dinâmica racial em nosso mundo interno.

Uma emancipação psíquica, dentro da situação clínica, só pode acontecer a partir da pesquisa clínica contínua dos “estados racistas da mente” (Keval, 2016). Os momentos clínicos em que a tensão racial emerge são, potencialmente, oportunidades transformadoras que conduzem à compreensão emocional e à reparação psíquica. Powell explora em seu artigo essa realidade psíquica racial interna, que tem sido negligenciada em nosso trabalho clínico. Especialmente se pensarmos no Brasil, um país tão miscigenado quanto múltiplo, onde metade da população se autodenomina negra ou parda, não é comum encontramos trabalhos clínicos que abordem as tensões raciais e, sobretudo, as utilizem como ponto de atenção para a compreensão da dinâmica transferencial e contratransferencial entre a dupla. Ainda há pouco espaço para a percepção dessa dinâmica a agir dentro da sala de atendimento.

A raiva experimentada internamente quando frente a uma situação de confronto racista pede um espaço de reconhecimento e acolhimento para evitar o efeito paralisante de restringir, silenciar e/ou naturalizar esse incidente e, assim, reproduzir e perpetuar os mecanismos racistas inconscientes dentro da cena analítica.

Anton Hart (2020), em trabalho apresentado, desenvolve a ideia de alteridade como sujeito psicanalítico, a partir do conceito de “*radical opening*” (abertura radical à alteridade, em tradução livre), e faz a ressalva para a armadi-

lha de se entender os pontos cegos como algo a ser sistematicamente perseguido e tornado consciente, como se fosse possível, um dia, alcançar consciência plena, ou mesmo não termos mais “inconsciência”. Para ele, a sensibilidade psicanalítica opera no sentido de tornar-nos conscientes da “cegueira” como uma característica da experiência humana e singular, o que significa compreender e suportar a compreensão de que todos nós somos cegos a certos aspectos de nós mesmos e aprender, a partir da experiência emocional compartilhada com o analista, a tolerar e aceitar o permanente desconhecido que é ser um ser humano sem precisar, para isso, eliminar esse desconhecido.

Suchet (2007) procura desvelar a branquitude, partindo do princípio que, como um andaime, a raça estruturou as nossas vidas. Através do relato de algumas situações clínicas, ela nos leva a acompanhar suas andanças por estes lugares internos da branquitude e sua relação com a raça. Conta que, por muito tempo, se considerava uma pessoa e profissional esclarecida sobre o quanto a raça pode informar a respeito da constituição das subjetividades, procurando se posicionar, na relação transferencial, como uma espécie de “objeto bom racializado”. Até que pôde perceber que este suposto objeto bom se traduzia em um acolhimento superficial das questões raciais e foi honesta consigo (e conosco) o suficiente para perceber o quanto essa atitude escondia uma intenção de evitar qualquer encontro truncado e confuso. Ela acaba por concluir, a partir do contato com a sua própria experiência interna, que é justamente a partir da compreensão e aceitação de si mesmo, mais do que do outro, que avançamos.

Para Beverly Stoute (2020), o racismo é um desafio para a diáde terapêutica. Ela demonstra através de dados, como a raça de um paciente influencia os cuidados de saúde que recebe como desigualdade no acesso, severidade de sintomas, diagnóstico e tratamento oferecido. Os efeitos do racismo permeiam as diversas esferas do sistema de saúde dos Estados Unidos. Wania Cidade (2019), recorrentemente, nos chama a atenção para a importância fundamental da compreensão da extensão das raízes racistas na estruturação das relações sociais brasileiras e seu custo para a população negra e, mesmo, para a sociedade como um todo. Se entendermos a atitude racista como uma atitude violenta e agressiva, como psicanalistas que somos, sabemos o quanto é fundamental a oportunidade, para esse agressor, o trabalho de reconhecimento da agressão infligida – única capaz de encaminhar a elaboração da culpa inconsciente que, sem isso, faz com que o violador precise a cada tempo aumentar a agressão para conseguir evitar o contato com a culpa que se acumula. Mas, se não estamos conscientes dessa dinâmica, como poderemos reconhecê-la e trabalhá-la?

Fakhry Davids (2011) aprofunda a reflexão e a compreensão psicanalítica sobre o racismo e desenvolve um conceito que enuncia a presença de uma estrutura racista interna universalmente partilhada e principal responsável pela paralisia do desenvolvimento do trabalho entre determinadas duplas analíticas. O uso sistemático dos mecanismos racistas alimentam a culpa inconsciente que “sentida como insuportável não pode ser mentalmente processada, e essa falha leva à repetição do ato original como forma concreta e não simbólica de ‘lembrar’; é lembrar sem culpa” (p. 50). Seu conceito de organização interna racista é baseado no conceito de organização patológica de John Steiner (1997). Para ele, a organização racista é um refúgio psíquico que protege contra a culpa inconsciente promovida pelos mecanismos racistas, sendo, portanto, uma patologia das defesas.

Money-Kyrle (1996) propõe que o objetivo da análise seria ajudar o paciente a superar os obstáculos emocionais a partir da compreensão e da descoberta daquilo que ele já sabe, mas encontra-se obliterado.

Filha do medo, a raiva é mãe da covardia

Se entendemos o conceito de raça e racismo a partir de uma construção social que, além de simulacro, faz da racialização uma ferramenta de opressão, silenciamento e colonização que promove violação de direitos humanos e forte sofrimento psíquico, poderemos começar a perceber a urgência de pensarmos, como psicanalistas, sobre as questões de raça e racismo.

Como todo preconceito, o racismo se constitui como um sistema complexo e, como tal, só pode ser compreendido a partir do encontro de diversas disciplinas e, inversamente, dificilmente pode ser compreendido a partir do estudo dos seus componentes em separado. A aproximação colaborativa da psicanálise a outras disciplinas é potencializadora de uma psicanálise que se pretende integrada, atual, plural e, sobretudo, viva e presente.

Conhecer a história do conceito de racismo é o início de um percurso necessário à compreensão da importância fundamental da racialização, principalmente quando vamos falar da dinâmica racial internalizada a partir do eixo da branquitude. Isso porque pretensiosa e arbitrariamente toma a si mesma como referência de universalidade, o funcionamento mental da branquitude impede o reconhecimento dos próprios limites, dos privilégios que estão *a priori* garantidos e os acessos facilitados que produzem sensação de pertencimento contínua e operante. A garantida, embora artificial, serenidade da integração oferece forte resistência ao trabalho psíquico e emocional.

A partir daí, nossa escuta se torna mais sensível e as experiências raciais vividas, seja na relação transferencial, seja no material do paciente, começam a nos informar sobre as delicadezas da experiência emocional vivida que, sem as considerar, não poderiam ser acolhidas. De repente, a frustração de não ter mais os cachinhos dourados da infância, um certo tom de superioridade sempre presente na fala, a segurança conquistada pela tintura loura nos cabelos ou o uso contínuo de lentes azuis, uma postura transferencial subserviente, a comparação a partir da cor da pele do analista e tantas outras miudezas da clínica podem conquistar novos entendimentos e desatar muitos nós.

On a psychoanalytic clinic of race relations

ABSTRACT *Based on a bibliographical review of the psychoanalytic literature, the present work reaffirms the importance of studies on prejudice in conjunction with the concepts of race and racism, aiming to broaden the clinical experience. By including, identifying and recognizing the impacts and consequences of racial relations in the constitution of subjects, in their singularities, with their pain and anxieties, it becomes possible to recognize their presence in the transferential and countertransferential relationship. From an institutional perspective, the study of these intersections allows for greater engagement in promoting attitudes and actions that permanently seek to alleviate the suffering arising from the racism experienced in racial and racist incidents in everyday life. The situation in Brazil is presented as paradigmatic due to its socio-historical constitution.*

KEYWORDS *Psychoanalysis; racism; race relations; prejudice; bias.*

Sobre una clínica psicoanalítica de las relaciones raciales

RESUMEN *Basado en una revisión bibliográfica en la literatura psicoanalítica, este trabajo reafirma la importancia de los estudios sobre el prejuicio en conjunto con los conceptos de raza y racismo, con el objetivo de ampliar la experiencia clínica. Al incluir, identificar y reconocer los impactos y consecuencias de las relaciones raciales en la constitución de los sujetos, en sus singularidades, con su dolor y angustia, se hace posible reconocer su presencia en la relación transferencial y contratransferencial. Desde una perspectiva institucional, el estudio de estas intersecciones permite un mayor compromiso en la promoción de actitudes y acciones que busquen permanentemente aliviar el sufrimiento derivado del racismo vivido en los incidentes raciales y racistas de la vida cotidiana. La situación de Brasil se presenta como paradigmática debido a su constitución socio-histórica.*

PALABRAS CLAVE *Psicoanálisis; racismo; relaciones raciales; prejuicio; sesgo.*

Referências

- Amendoeira, P.; Ellman, P.; Mine, C. & Posadas, M. (2021). *IPA Inter-Committee on Prejudices and Racism Final Report*. Trabalho não publicado, apresentado no *The Work of the IPA Inter-Committee on Prejudices and Racism: How did we get here and how to move forward*. Londres, Reino Unido.
- Bicudo, V. L. (1955). Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação à cor de seus colegas. In: R. Bastide & F. Fernandes (Orgs.), *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi.
- Bicudo, V. L. (1968). Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico. *Revista de Psicoanálisis*, 25(3/4): 749-766.
- Bion, W. R. (2016). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, trad). São Paulo: Blucher. (Original publicado em 1997).
- Buarque, C. (2017). As caravanas [Gravada por Chico Buarque e Rafael Mike]. *Caravanas*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino.
- Cidade, W. (2020). *Saúde da população negra*. Trabalho não publicado, apresentado no Projeto Humanidades do Hospital Samaritano no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- Davids, M. F. (2011). *Internal racism: a psychoanalytic approach to race and difference*. Londres, Reino Unido: Palgrave Macmillan.
- Dajani, K. (2020). Are you an activist? Trabalho não publicado, apresentado no *ApsaA Psychoanalysis & Activism, Today conference*. New York, Estados Unidos.
- Hart, A. (2020). Engaging diversity through being available to be moved: radical openness to the foreign things the analyst takes in. Trabalho não publicado, apresentado no *NCP Otherness as a Psychoanalytic Subject: Race, Culture, Class and Difference in the Clinical Encounter*. Los Angeles, Estados Unidos.
- Keval, N. (2016). *Racist states of mind: understanding the perversion of curiosity and concern*. Londres, Reino Unido: Karnac.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Brasil: Cobogó.
- Klein, M. (1991). *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein, vol. 1: amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945* (p. 306). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1935).
- Money-Kyrle, R. (1996). *A meta da psicanálise* (E. H. Sandler & P. Sandler, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1978).
- O'Shaughnessy, E. (1982). Melanie Klein (1882-1960) – uma visão atual. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 16(3): 275-290.
- Powell, D. R. (2020). From the sunken place to the shitty place: the film *Get Out*, psychic emancipation and modern race relations from a psychodynamic clinical perspective. *The Psychoanalytic Quarterly*, 89(3): 415-445. doi: 10.1080/00332828.2020.1767486

Paola Amendoeira

- Rasmussen, B. & Salhani, D. (2010). A contemporary kleinian contribution to understanding racism. *Social Service Review*, 84(3): 491-513.
- Rustin, M. (2000). *A boa sociedade e o mundo interno: psicanálise, política e cultura* (E. Neves & T. Zalberg, trad.). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1991).
- Steiner, J. (1997). *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiros* (R. Quintana & M. L. Sette, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Stoute, B. J. (2020). Racism: a challenge for the therapeutic dyad. *American Journal of Psychotherapy*, 73(3): 69-71.
- Suchet, M. (2007). Unraveling whiteness. *Psychoanalytic Dialogues*, 17(6): 867-886.
- Young-Bruehl, E. (1998). *The anatomy of prejudices*. Massachusetts, Estados Unidos: Harvard University Press.

Recebido: 08/09/2021

Aceito: 28/10/2021

Paola Amendoeira

Saus Quadra 4.S/N - Victória Office Tower sala 1127 - Asa SUL
Brasília - DF - CEP: 70070-040
(61) 98111-4966
paolaamendoeira@gmail.com